0).

L
3
41

3220

3220

~~D. 4, 16~~
I

Poezias.

Da Ex.ma Senhora
D. Leonôr de Almeida
E Lorena.
Condessa de Oyenhausem

Copiadas
De
Seus proprios Originaes
Por diligencia
Do Dor. Antonio Ribeiro

RB

Ode
A Almeno.

Tu, que brandas repouzas no meu peito,
Amavel innocencia,
Tu destingue meu canto; elle suspenda
Os vulgares cantôres;
Onde a paz solitaria se retira,
D'Almeno sôe o nome,
E sorrindo-se a candida amizade,
No seu templo a escreva;
Quando a nuvem espantoza aos olhos mostra
As obras de Vulcano,

Que vacilla assustado o pavimento,
Atroados os ares.
Cô a fervida materia, que rebenta,
Não me perturba Almeno;
O peito, onde o destino quebra os tiros,
Só recêa o delicto.
Pobre cabana, presta doce abrigo,
Aos fatigados membros:
Pela batalha tacita do tempo,
Mas debaixo dos ~~[illegible]~~ freixos.
De hum já velho carvalho à sombra parda
Contente as manhãas vejo:
Vejo sorrir-se a fresca Primavera,
Cuja frente serena
Inclinando a florida pompa offrêce
Ao inflamado Estio;
Abre o prodigo raio a terra fertil
O Deos, Pay d'harmonia,
Tambem dos raios seus serve à Pomona;

Sobre os maduros fructos,
Já de Bacco os sequazes se alvoroção
E das curvadas vinhas,
Em suave licôr trocão o pêzo;
Já nos copos doirados,
Que amor resguarda com as proprias azas,
Bebem ligeiros sonhos:
Quando volta a estação, em que os meus dias
Principio conhecêrão: *
Orion piza de Scorpio a cerviz dura,
E Jupiter chuvôzo,
Abre o seio das nuvens, rega a terra
Co' as prateadas gotas;
Carrancudo terita o escuro inverno,
Despe-se a natureza;
Só debaixo das penhas tosco musgo
Por pasto saborôzo
Vai colher com trabalho o gado parco.
Deixa voar os dias,
Estas leis immutaveis contemplando;

* Naceu em Outubro.

Das vagas esperanças,
Naõ sofro, que meu peito se recreie;
Almena, se os teus ermos
Se consentem lograr taõ doce estado,
Entre as brandas memorias,
Que nutre a solidaõ, lugar que cede
A lembrança de Lize....
De Lize solitaria, que despreza
No centro de seu valle
A fortuna, a riqueza, a pompa, o mundo;
E só entre os Cordeiros,
Contente co' as delicias d'amizade,
Naõ quer outros prazeres.

Ode.

Voleja ardendo em ira,
O rapaz, que sem vista à todos cega.
Só vingança respira,
Desgrenhado o Cabello afflicto errante
O gesto scintilante,
A vista abranda, e o rizo a todos nega.

Aos cumes dos oiteiros,
Qual setta, que do arco disparada,
Fere os alvos primeiros,
Tal impaciente o tenro Deos sobia,
E no arco, que trazia
Fitava com furôr a vista irada.

D'ali já pensativo,
Volvia as lindas azas descahidas,
E quaze semevivo,
Com as plumas tocava a terra fria,
Ou nascem de repente, ou murchaó logo
As plantas com seu fogo,
E o chaó de quando em quando estremecia.

Em ti soltava o [illegible] choro
Laura, Laura cruel! Amôr bradava
Em vaó, fado, te imploro
Contra hum peito de bronze? A Ninfa crua
Naó vence a força tua,
Se naó pode vencêla a minha aljava.

Sim pelo stygio eu juro
Ou fazer que de amôr as leis adore,
Ou n'algum tronco duro,
N'uma rocha musgosa convertida,
Solte a ligeira vida,
E a sorte de Anaxerte, ou Dafne chore.

Belezas subjugadas,
Vingai o vosso insulto amôr vingado,
As plumas prateadas,
De hum alvo Cisne a Leda naõ venceraõ,
Amores naõ fizeraõ,
De Ninfas mil hum gracioso bando!

De novo em fogo ardêndo,
Inflamaõ-se as feiçoens, olhos traidores,
Quanto estais prometendo!
Ah! de ti Laura; pois para teu damno,
A forja de Vulcano,
Grilhoens trabalha, ferros passadoires.

Mil amores armados,
O retiro de Laura senhoreão,
Qual faz dos Ceos sagrados,
Qual venenózas flores terno offrece,
Mas Laura bem conhece,
As falsas illuzoens, com que a recrêão.

Armas, armas! exclama,
O Deos, que já no carro as Pombas tirão,
Scintilla voraz chama,
Dos tiros contra Laura disparados,
E os genios fatigados,
Entorno à Laura inutilmente girão.

Cgida poderóza,
Que a benigna razão embraça hum dia,
A turba numeróza,
Faz dezertar dos genios assustados,
E Laura sem cuidados,
Nos braços da razão, de amôr se ria.

Ode
Aos Systemas.

Nunquam aliud natura, aliud sapientia dixit.

Intrincadas veredas, firmes rochas
Rodêaõ com pavôr teu sacro templo,
Verdade encantadora, que namoras
As almas bem nascidas.

Quem tocar pode.... Oh Ceos como voejaõ
Entorno della fervidos suspiros!
Como a paz ti meus ais sempre te chamaõ,
Sacro Nume escondido!

O Turbilhaõ atrevido de systemas,
Das copias de teu rosto mascarado,
O Orbe atrôaõ; move-se o Universo,
E surge assim mentira.

Terita o pobre, ewia Gymnosophista
Suspira por despir a mortal veste,
E vôa com mentidas esperanças,
Ao lume sempiterno.

Aos esforços de Talles pensativo
A mente offuscaõ tumidos problemas,
A materia combate, novos entes
Nascem da vasta idêa

O pacifico Socrates absorto
Estuda as leis do sabio soffrimento,
Em quanto o frio Zeno priva o homem
Do bem de ser sensivel.

Amôr! abaixa o vôo, geme geme
Entre os braços da Mãy, q. outro renasce;
O Platonico Amôr tudo sugeita;
Vinga Venus seu filho.

A multidão dos sonhos estragados
Solta da mão Aphrodita raivôzo
Que os systemas confuzos precipita
Entre as inanes Larvas.

O fado antigo novamente assusta,
E qual Cofre de avaro, que não serve
Das idêas innatas à Quimera;
Insensão as escollas.

Mas que massa revolvo? Deixa Muza
De colher pelas mentes inflamadas
Os graves sons, que vagão sem brandura
Na entorpecida corda.

Apollo o Deos da Lyra, o Deos dos Vates
Quando me chama, em Cysne me converte,
Fas-me cortar com as plumas prateadas
Os Ceos, a terra, os mares.

Rejo o carro de Phebo, vou com elle
Abro as luzes ao mundo escurecido,
Com elle zombo lá dessas esferas,
Dos Ptolemeos, dos Ticos;

Com Phebo entro no seio doce, affavel,
Da escondida, e sublime Natureza,
E sem turbar-me os tympanos me bate
Aviz da Sãa verdade.

Os Ceos saõ longe, Lilia, a terra perto;
Vêz aquelles, me dizgenios oppostos
Prazer fizico, e dor: Basta, q. saibas
Saõ eixos do Universo.

Ode
A Silena

Pedindo-me novas de Auliza q.
partia p.ª a America, e huns
versos, que ella tinha na
Sua mão.

Ja partiria Auliza! e as verdes ondas
Affeitas aos maritimos tisnados
De huma filha do flavo Deos entregues
Vaidozas sentraveneno?

Quantas vezes as avidas saudades
Colherão de seus olhos terno pranto,
Quantas vezes aos mares sem accordo
Pedistes a doce amigo?

Ah Silena! que tristes me rodeão
Dos nauticos as vozes clamorozas?
Aqui ressôa o golpe, que vibrárão
Sobre a forsoza amarra.

Quantas vezes choroza memorando
A Patria volvera suspensa Auliza
A vista para os Ceos? de novo aspecto,
Que adornaõ novos signos.

Ali dirá: as filhas de Reune,
Ornaõ do Tauro as pontas luminozas,
Scorpio morde o pé do amante Orion,
Que as segue cobiçozo.

Se Prometeo ao Caucazo, ligado,
De loucas prezumpçoens sofre o castigo,
Ao Sabio Irmaõ dos Orbes firme baze,
O mal naõ comprehende.

Jove as filhas escuta lá do Olimpo,
Olha piedozo a timida innocencia;
A vingança do Ceo sofre o ingrato,
Que as leis dezacredita.

Que idêas levantadas lhe consomem
Dentro d'alma as sementes da saudade,
Té que a vista cansada, outra vêz fita
No brando gesto a Muza.

Soltas lindas madeixas descahidas,
Da côr d'Evano, sobre o branco peito,
O resto mal enxuto, a maõ incerta
Nas unissonas cordas,

Aulira! torna em ti, ella lhe exclama
E os hymnos, com que Flaco honrou Vergilio,
Em modulados sons compadecidos
De novo lhe repete.

Assim Silena, diz, colhendo lírios,
Enfeita o simulacro d'amizade,
E as primeiras emprezas abençôa
Dos terrigenos filhos.

Mas, Silena, onde vou? a dor ferina,
Qual Elastico pomo, em mim reflete,
A dor que despedaça das amigas,
Os coraçoens sensiveis.

Volvêr a mente afflicta a novo objecto,
He' deficil no seio da amargura;
A austera razaõ conse[illegible] a idêa,
Apoz o frouxo alivio.

Tu guardas hum depozito, que eu busco
Flores naõ saõ; somente relva humilde,
Colhida no escarpado, e bipartido,
Santo monte dos Vattes.

Em quanto a ladrea sombra aparente soltas
Puro incenso do Trono da Virtude,
Com Sirse amada* sofre que eu alterne
Minhas pobres cantigas.

* A' Ex.ma Snr.a Condeça de Vimieiro.

Ode.

No dia dos annos de sua Irmaã a Exc.ma Snr.a Condeça da Ribeyra em lugar de Colgadura, e enfeites. &c.a

Quæ virtus... quanta boni sit vivere parvo

Vinguemos nos hum dia, à Dafne versos;
Com ferreo cadeado esconda avaro,
O Quintella o tezoiro, em vaõ Pierio,
A porta lhe frequente.

Nas estridentes azas transportada,
Dos ventos agitados subo ao Pindo,
As despidas montanhas da Thezalia,
Vago cantando alegre.

Encaro com as Muzas desgrenhadas;
E das ramas dos pudicos loireiros,
Hum frondente docel me cobre a testa,
Onde as idêas pulaõ.

Vejo Apollo lavar as loiras transas,
No magestôzo Xanto; Vejo as Ninfas,
Soprarem sobre as mentes dos Homeros,
Illiadas pompôzas.

Os escuros cabellos descahidos,
Na frente de Melpomene severa,
Quanto mais lindos saõ, q̃ a insulsa pompa
Dos modernos toucados.

Pode a stupida moda nume altivo,
Empunhando a tezoira ~~[illegible]~~, inexoravel
Ser flagello das Sêdas, dos volantes,
Pedir-me sacrificios.

Sobre estes verdes musgos, e rochedos
Comtigo Dafne arranco dos abismos
A razaõ vergonhóza, que receia
Sempre os olhos do vulgo

Seus dictames nos ornaõ; lá do Elysio,
Os manes de Corilla, e Telasilla,
De Praxilla, e de Hisparchia se desprendem,
E em torno de nós giraõ.

Mais candidos misterios naõ romperaõ
Da bella Egeria os beiços Sacrosantos,
Quando ensinara a Numa, a paz dos poros,
As graças da virtude.

Que invejamos! se livres os spritos,
Colhem os dons, que aos Socrates honraraõ,
E pelas maõs guiadas das Camenas,
Abraçamos Urania?

Vaõ as fugazes oras carregadas
De reflexoens, d'estudo, e d'innocencia
Reconduzir o dia memoravel
Que premeia as fadigas.

Quando o Sol pelo Céo arrastra o anno,
Do Caçador celeste se despede,
Avistando da Caza d'Amalthea
Obliquamente a terra.

Entaõ, Dafne, teus annos celebramos,
Entaõ logo que raia a manhãa bella,
Ao pé de ti me enfeito d'amizade
Da paz, e da ternura.

Idylio.

Laura

Esperando Pierio, que depois de huma auzencia dilatada naõ chegou.

O Dos sôpros de Favonio conduzida
Já Serena, de rozas Coroada
Na campina esmaltada.

Mostras aprimavera docevida,
Já seu gesto divino
Surrindo brandamente:

Está convidando aoprado florecente,
O tropel dos amôres infantino;
A doce claridade, o ternopranto,

Daque Cephalo chama com ternura;
Accorda as aves, e o antigo canto,
Convida os lavradores à cultura.

Lá vem o claro Delio rutilando,
Entre nuvens purpureas apparecendo,
Ás côres espalhando.

Sobre o Orbe, que as sombras vai perdendo;
Da luz ferida a noite desmaiada,
Foge ao centro dos vales, e rochedos;

Cavernóza morada,
Entre os negros segredos,
Das volumózas penhas.

Busca, enquanto o sol doura altas montanhas;
O Inverno pavorôzo,
Envolto em nuvens densas lá se esconde.

Em quanto nas cavernas só responde
A ferioza alegria, eco saudôzo;
Já se naõ piza a neve congelada.

Molle relva de orvalho burrifada
Presta doce repouzo aos lavradores;
Os ternos amadôres.

Bem dizendo a estaçaõ contentes vem,
Cantando ora o alhêo, ora o seu bem;
Tudo annuncios do bem tudo respira.

A branda côr nem uza a frauta, a lira,
No canto pastoril bem modulados,
Vaõ ensinando os ventos.

Os brandos sentimentos,
Ora ternos sensiveis magoados,
Na torrente de prata.

A ligeira alegria se retrata;
Nos perfumados ares
Se extinguem cos suspiros os pezares.

No peito sem socêgo,
Palpita o coração alvoroçado,
Porque hum doce cuidado,

Me transporta ás ribeiras do Mondego;
Do frio centro as Ninfas mais formozas
No azulado pego a frente alsando.

A Deos Pierio meu, lhe vem cantando
Do Suave Pierio saudozas
Chamado de hum dezejo.

Já te avisto, Pastor, que os passos guias
Ás praias espaçozas, onde o Tejo
Chamandote, Pierio, para os dias.

Qual bem não prezará quem te pondera
Adornão-te os mais competidores
As alvas mãos de palma, a fronde erma

Lá ficão os pastores
Junto a fonte, cuja água hé doce pranto
Recordando teu canto,

Qual se lembra do gesto, da figura;
Qual te louva a suavíssima candura,
Em canto enternecido.

Instado das saudades, que supportas,
As frias ondas cortas,
O Velho encanecido.

Ys distantes paragens
Do nublado futuro devizando
Te envia doces benções agourando

De teus dotes celestes mil venturas;
Com que amorósa, e terna impaciencia
Dedoces esperanças persuadidas,

As que assas tem chorado a tua auzencia,
Te esperaó pelas praias divertidas;
Qual vi nos verdes mares empolaia,

A onda, em que de longe te figura;
Qual densa espessura,
Em qualquer rude tronco persentindo.

Favonio, que nunca a espessura,
Cuidando, que a varéda vem subindo
Pierio, alvoroçada alegre chama.

Quanto o fado retarda huma alegria!
Hum dia apoz hum dia,
Hum instante seguido de outro instante,

Nos vai pondo o prazer sempre distante;
Estas cantigas ternas modulando,
Laura esteve saudades entertendo.

A manhaã foy correndo,
Em quanto a escura tarde foi chegando,
Já desciaõ do monte denegridas

As sombras sobre o vale, onde estava
A saudoza pastora, que esperava,
Depois de muitas horas consumidas

Pierio, que naõ vinha.... o vento irado,
As flores abatia sobre o prado,
Por vêr distante o dia.

O mocho melancolico gemia
As aves recolhidas
Apenas percebidas.

Podiaõ ser nos bem feitos ninhos,
Pelos ermos caminhos,
Nem serano, nem gado já se via.

Tudo envolto em silencio adormecia,
Entaõ do que esperava dissuadida,
Laura afflicta... saudoza... enternecida,

Sem queixar-se do mal, que amagoava,
Para a triste Cabana se voltava....

Epistola.

A Silvia.

Em resposta de outra, pedindo-me, que celebras
se nos meus versos varios assumptos,
tirados da natureza.

Quem me diria, oh Silvia, que morarião
Comtigo as bellas filhas de Parnesso,
Quando nossas idêas trabalharão,
Em negar-lhes talvêz seu grande preço.

Ferraginoza a lira descançavas,
Sobre montes de livros moralistas,
E as mimozas Camenas assustavas,
Com textos, quando apenas denos vistas.

Tambem a fraca vóz da frauta ruida,
Submissa à teu perceito era sugeita,
Com que passos Saturno emfim caminha,
Que leza a mente traz, que a necessita.

Agora teus preceitos mais benignos,
Não se vestem de mistica arrogancia,
Com versos, que de Apollo forão dignos,
Mandas que eu cante, e aterras a ignorancia.

Convidas-me a cantar a natureza,
Cantar de Triptolemo a arte divina,
A iniciar a gente Portugueza.
Nos mysterios supremos de Eleusina.

O Velho de ottogorgon revolvendo
Na musgóza caverna a crespa fronte,
E com toxas vorazes accendendo.
O Astro, que nos doira o prado, e monte.

No cavo sulco o fertil grão lançado,
Pela destra Princeza de Sicilia, (a)
Em pingue espiga, e pasto em fim tornado,
Que assás alegra a Pastoril Palilia. (b)

Bordada a terra pelos dons de Flora,
Pelo amor animada pouco importa
A esta gente de bronze, a quem namora
A avareza, por quem os mares corta.

Stão affeitos à bellica trombeta
Do Vate, que celebra o forte Gama,
Zombão da frouxa vóz d'outro Poeta,
Se contra as leis da força em vão clama.

Escapão-lhe os prazeres delicados
Que enredão nossas almas brandamente
Por orbes a harmonia, os frescos prados
Não são objectos, que algum delles sente.

(a) Ceres.
(b) Festa da Deoza Palés celebrada entre os Pastores depois das Lupercaes.

Perde Laurencia (c) os dons q. tanto preza,
Perde Vertumno a alegre vaidade,
Perde avizo a sublime natureza,
Onde mora pacifica a verdade.

Eu perco tempo, Silvia, se lhes canto,
Os preceitos de Phebo, e em vóz rouca,
Com elles té os astros naó levanto
Os insultos Sonetos de Jaronca.

Se moralizo hum pouco, e se lhe ensino
Que he homogeneo tudo, e que naó sofre,
Contradiçoens na especie o author divino,
Que estas leis divolvêo de Sacro cofre.

Que sem nutre de espuma, e tenue vento,
A grandeza fantasma delicada,
Que ao Filozofo deixa só tormento,
Como a nuvem de Ixion desejada.

(c) A Deoza Flora

BIBLIOTECA NACIONAL DE LISBOA

Perguntaõ os prezados de mais sizo,
Alguem vio já mania desta casta?
E comentando os versos com hum sorrizo,
Diz Albano[d] = he mulher, isto lhe basta.

De arrogante ignorancia revestidos,
Quantos vi sobre o tripode sentados,
Quantas vezes feriraõ meus ouvidos
Blasfemias contra os Vates mais sagrados.

Tu formas contra a inveja debil queixa,
A Silvia, teme o monstro[e], vê que dizes,
Pois se chagas abertas nos naõ deixa,
Deixa ao menos eternas cicatrizes.

Entaõ debalde a magica harmonia
Innocentes objectos engrandece,
O Tartaro vapor offusca o dia,
E Delia inutilmente resplandece.

(d) Joaõ Xavier de Mattos

(e) Joaõ Baptista Rosseau

Inutilmente aperta os sons a lyra;
Pinta-lhe os ais de Phlegias, q. assustado,
Olha a rocha, que ferve eterna ira,
Por ter ao Sacro Delfo injuriado.

A argiva armada em peste, e fogo ardendo;
De Marsias o despojo sanguinôzo,
Co tempo vaõ-se em sombras involvendo,
Naõ metem medo ao vulgo duvidôzo.

Mas hé porque as Deidades já naõ curaõ,
Dos Vates quaes no antigo tempo ficaõ,
Vez tu, se Pan, e as Ninfas nos procuraõ,
Se o flavo mel nos beiços nos fabricaõ.

O povo de apparencias governado,
Que vizoens, e prodigios só cobiça,
Dá creditos ao Oraculo sagrado
Porque espuma raivôza a Pytonissa.

Eu sempre cantarei; mas taõ de manso
Quam simples he' o assumpto, q. annuncio;
Qual murmura pacifico remanço,
Sem que inveje o motim de hum vastorio.

Ode,
Á Venus.

Loiro Delio! esta lyra, q̃ me destes,
Beijando-a com respeito hoje te entrego;
Naõ podem já teus raios luminózos,
Inflamar o meu peito.

Se pelas alvas maõs das sabias Muzas
De fresco loiro a frente me adornastes,
Naõ torne a despojar-se o trono altivo,
Que a bella Dafne encerra.

Desce Numen propicio, linda Venus,
(O gesto encantador, serena os ares,)
No carro voluptuozo recostada
Brincando c'os amores.

As leves beatilhas naõ escondaõ
Das Cypriades gentiz as lindas formas,
Atravessa Eufrosine, solte os rizos,
Que emtorno alegres giraõ.

Tu Semicapro Deos, de traz dos troncos,
C'o seguito caprino apenas sentes
Os cheiros, que esparzindo vem amores;
Palpitas namorado.

Faça invejar aos Numes m.ª sorte;
Vem Cyprina, descança nestas flores,
Que burrifa da fonte a clara vêa,
Deixa os berços de Italia.

Se em premio de meus ays (votos a amor)
Com myrtos enredar as tranças posso,
E o ~~teu~~ seio ornar de flores, que inda guardão
Hoje o Sangue de Adonis.

Deixa Deoza, que Lilia no teu peito,
Brandamente encostada de amor cante,
Teu filho me sustente a doce frauta;
As graças me respondão.

Sileno do meu bem o doce nome
Faça calar no valle as aves tristes,
E em quanto vai batendo os leves ares,
Cresça a nova harmonia.

Se carrancuda a negra tempestade
De Noto furiozo o sopro manda,
Não pereção as plantas, que escutárão
Os meus ternos amores.

Se Jove com arnaó avermelhada,
Do reflexo do raio assusta a terra,
O nome do meu bem, e os teus sorrizos,
As iras lhe suspendaó.

Assim sempre em Amath em Eryx Pafos,
As offrendas adornem teus altares,
Assim voem sospiros inflamados,
De contentes amantes.

Assim sempre mais bella te retratem,
Novos Apelles nesse doce instante;
Que das ondas surgiste, e a branca espuma
Te innundava o cabello.

Epistola
A Alcipe.

Tuas queixas, Alcipe, lastimózas,
Que as agrestes Napeas enternecem
Filhas saõ mais de entranhas generozas,

Que gemidos da dôr, que ellas padecem;
Cantar a crueldade em branda rima,
E mór honra fazer da que merecem,

Aos Autores do mal tem vezes anima,
A mesma furia, que cruel lamenta;
O Silencio no peito a dor reprima.

Ignorem pello amaõ, que te atormenta;
Por que naõ lhe accrescente a vaidade.
Estimulos, que a façaõ mais cruenta.

De teus sons à divina Suavidade
Offrece assumpto ~~acaso~~ a natureza.
Mais digno. Canta o Sol, a actividade

De seus raios ardentes, que a vivêza,
De teus esgares rastrear prezume;
De Phebo canta a placida belleza;

Retratada no mar ao proprio lume,
Canta a estrella da Deoza, que a victoria
Dera só por naõ ter desciume;

Canta os Marcios trofeos, adonde á gloria
Dos Almeidas envolta só lhe falta,
Que a tu mostres ás filhas da Memoria.

As flores de que Apollo a borda esmalta
Da fonte Sacra, donde bebe Jove;
A Marcia canta, cujos dons exalta.

Rendida a graça, que os amôres move;
A tulipa, corada a fresca róza,
Canta * Alcipe: naõ temas, que o reprove.

A Deoza da modéstia. Que mimóza,
Imagem a verdade riscaria,
De Pandora em Alcipe! Que harmonióza,

Nos beiços lhe soára a Poezia!
Que graças novas a virtude dera;
Que meigo amôr nas mãos lhe ficaria?

Nem sejas com as Muzas taõ severa;
Que lhes fujas dos olhos espantada,
Da que assim te persegue horrenda fera. *

Hé filha da ignorancia apascentada;
Nas proprias carnes, que co negro dente
Raivóza morde, e escuma envenenada.

Em vaõ te cospe. Apollo naõ consente,
Que remanche na Lyra victorióza.
Quebra os dentes a inveja inutilmente.

Assorie c'o a lingoa sanguinóza,
Raive até que arrebente. A sombra amẽna,
Os beiços trilhe a frauta numeróza,
Abra Alcipe a suave Cantilena. *

* Mandada a Ex.ma Snr.a D. Leonôr de Almeida, e Lorena, quando lia a sua Epistola à Tirse.

Canção

Traduzida do Grego.

De ti me lembro sempre idolo amado,
Raya a manhãa, e vôa logo a idêa,
Traz a origem do meu doce cuidado,
Quando apenas os prados alumêa
O Sumo Vate, que a cantar-me obriga,
Aos orvalhados montes
Pedem Fileno os votos, e a cantiga.

A cada passo o pensamento vago,
De mil sortes por ti modificado,
Te contempla no peito, onde te trago,

Beber doce veneno reclinado,
Repete-te a memoria de mil modos;
Mas oimpio destino,
Os gostos, que imagino,
Em verdugos crueis me torna todos.

Fria gelada a tarde a noite chama,
Entre as trevas espessas naõ esqueço,
Que fará? Que dirá? Triste quem ama
Se padece, ignorando o que eu padeço,
Encosto-me na penha denegrida,
Que a prizaõ me limita,
Té que o bronze repita,
Muitos Sequazes, com que nos mede a vida.

Cada instante o demora huma saudade,
Fazendo o pezar n'alma desolada,
E Nem já ostenta o tempo a brevidade;
Mil vezes nos teus braços sustentada,
Longe de ti qualquer espaço hé muito,

Ah com que horror eu vejo,
Encobrir-se-me o Tejo,
Co triste, e carrancudo Monte junto!

Medi meus ternos ais tanta distancia;
Saltai sem pejo essa montanha hirsuta,
Vos derivaes de huma alma, onde a constancia,
Contra penhas mais duras inda luta,
Com injuria d'amôr,
Vosso terno calôr,
Vá confortar Fileno até Lisboa.

O meus ais espirito suave
Que amôr tirou do Coração saudozo,
De fazer que a auzencia naó aggrave
Os golpes, que com dente venenozo,
Ora forma a incerteza, ora a tardança;
Meu bem naó crêas
Suas finezas fêas
Crê-amôr, Crê-me assim, crê a esperança.

Ecco de minhas queixas, lira minha,
Depois de tornar dias desgraçados,
Esta noite feliz hé em fim chegada,
O termo de meus males hé com ella;
Obedecei sensivel harmonia,
Âjudai-me suavissimos acordes,
Â dissipar de minhas duras magoas
Os vestigios impressos no meu peito,
Que digo... suspendei as minhas penas,
Deixai-me unir as vózes das camenas;
Se impaciente entregue parecia
Â dura inquietação, a dor amava;

As lagrimas, que os olhos meus vertiaõ,
Com que doce prazer as derramava,
De hum mundo encantador bens turbulentos,
Prazeres vaõs, crueis divertimentos,
Amôr, gloria, fortuna, em fim belleza,
Valeis vós huma taõ doce tristeza,
Naõ me escutaes com gosto vóz retiros,
O doce encanto de derramar suspiros.

Orgaõ de meu amôr, ó lira minha,
Desforça as leis, que a arte te tem dado,
Faze nascer mil sons armoniózos,
Minha alma, que sem regra em fim caminha,
Naõ a sigas com passos vagarózos,
Vâa comigo, seja tua doçura
Taõ doce, como hé minha ternura,
Exprime o que imagino tristemente;
Por effeitos até qui desconhecidos,
Teus assentos sonoros branda lira,
Annunciem a Deos, q̃ hoje os inspira.

Cantigas. Traduzïdas.

Naõ sei, qual Deidade,
Ceos! devo invocar,
Duvidoza corro,
De Altar em altar.

Os negros cuidados,
A acerba tristêza,
Deixo cercando
O Deos da riqueza.

Se ao Templo da gloria,
Dirijo os meus passos,
Lá mesmo descubro,
Mil perfidos laços.

Amôr no regaço,
Lá da formuzura,
Aquem nas caricias,
Prodiga ternura.

Só fracos dezejos,
Me tem inspirado,
Que sustos continuos,
Tem amolenado.

Se vier brincando,
Amor seja aceito,
Mas com a virtude
Naõ brigue em meu peito.

O' gloria, ó fortuna,
Ambas inconstantes,
A' vossos obzequios,
Naõ dou meus instantes.

Porem se vieres,
Sem eu vos buscar,
A ambas prometo,
De naõ me negar.

Soneto

Aquelle espaço, que a alma comprehende,
Os meus passos dirijo temeroza
Abre-se a Eternidade, que horroróza
Por multidaõ de Seculos se estende.

Mas neste ponto, em que Atropos desprende
Os fios de huma vida taõ penóza,
A May, a Chara May triste saudóza,
O Pay, a terna Irmaã, tudo me prende.

Idêas do descanço roubadoras.
Deixa-me junto aos Candidos altares,
Por fim tranquillas minhas tristes horas.

Rompa o espirito em páz liberto os ares
E completem as Parcas agressoras
Ruinas, que fizeraõ meus pezares.

Soneto.
A' Fantazia.

De m.ª alma ditoza faculdade,
Eu te abenção, amavel fantazia,
Que adornada das graças d'alegria,
Tiras da mão as armas à saudade.

Dandome em sonhos doce liberdade,
Tu me levas a vêr Cintra sombria,
Tu me pagas de noite o horror do dia,
Vês tu, quem de meus males tem piedade!

Igualmente me levas â aventura,
Ou quando a lira magica me entregas,
Ou quando os pinseis roubas á pintura.

Más só de todos os males meus socegas,
Mostrando-me a bellissima figura,
Com que de amôr meus ternos olhos cegas.

Sonêto.

Sobre o meu destino.

Oh Ceo! oh providencia, que ordenastes,
À serie destes meus afflictos dias,
Se victima da força me querias,
Porque a luz da razaõ naõ me occultastes.

Na Cadêa dos Entes naõ formastes
Sem sentimento tantas penhas frias!
Se ás duras tempestades me expunhas,
Porque huma alma sensivel me criastes.

Porque a meus olhos, immortal verdade,
Sem que me seja livre o seguimento,
Mostrastes os caminhos da equidade.

Porém calate vóz do meu tromento,
Que espectaculo hé proprio à divindade,
Huma alma, em que triunfa o sofrimento.

Soneto
De huma filha moribunda
Auzente de seu Pay.

Hum moribundo esforço, hum fraco alento,
Enleio de huma quazi extinta vida,
Envia huma infeliz triste, abatida
Desde o leito da morte ao Regio assento.

Modera, ó Soberano o meu tormento,
Solta o Pay, porquem choro dividida;
Esta vóz jà sem força proferida
Faça em teu peito brando movimento.

Quatro lustros passados n'amargura
Somente comprehende a minha idade,
Entro no quinto, e mais na sepultura

Ah! Conçente, Monarca, por piedade,
Que a maõ paterna beje com ternura,
Mate o gosto, quem morre de saudade.

Sonêto.

A' huma despedida.

As horas voadoras vaó trazendo
O instante fatal de huma partida,
Que dos gostos ligeiros desta vida,
Hum retrato funesto está fazendo.

A sociedade amavel entretendo,
Este a paz (por pouco possuida.)
Que em magoa pela dura despedida,
Sinto hir no afflicto peito convertendo.

Com que horrores a palida tristeza
Cobre o circulo breve de meus annos!
Martiriza a sensivel natureza!

Como havendo pezares taó tyrannos,
E almas nobres, q. adorna a singeleza,
Saó taó poucos os Santos dezenganos.

Poezias da Ex.ma Snra Condessa de Oeynhauzen da Caza de Alorna

Intrincadas veredas, firmes rochas
Rodeaõ com pavor teo sacro templo,
Verdade encantadora, que namoras
As almas bem nascidas

Quem tocar pode... Oh Ceos como volejaõ
Intorno della fervidos sospiros!
Como apos ti meos ais sempre te chamaõ,
Sacro Nume escondido!

Turbilhaõ atrevido de systemas
Das copias de teo rosto mascarado
O orbe atroaõ; move-se o universo,
E surge a vil mentira.

Tenta o pobre, e nu Gymnosophista
Sospira por despir a mortal vesta
E voa com mentidas esperanças
Ao lume sempiterno.

Aos esforços de Talles pensativo
A mente offusçaõ tumidos problemas,
A materia combate novos entes
Nascem da vasta idea.

O pacifico Socrates absorto
Estuda as leis do sabio sofrimento,
Em quanto o frio Zeno priva o homem
De o bem de ser sensivel

Amor! abaixa o voo geme geme
Entre os braços da May, que outro renasce
O Platonico Amor tudo sugeita
Vinga Venus teo filho.

A multidaõ dos sonhos estragados
Soltai da maõ Aphrodita raivoso
Que os systemas confusos precipita
Entre as inanes Larvas.

O Fado antigo novamente assusta
E qual cofre de avaro, que naõ serve
Dos ideas innatas a Quimera ~~[illegible]~~
Incensaõ as escolas.

Mas que massa revolvo! Deixa Musa
De colher ~~pelas~~ montes [mentes], inflamadas
Os graves sons que vagaõ, sem brandura
Na entorpecida corda;

Apollo, o Deos da lyra, o Deos dos Vates
Quando me chama, e em Cysne me converta
Vás me cortar com as plumas prateadas
Os ceos, a terra, os mares.

Rejo o carro de Phebo, vou com elle,
Abro as luzes ao mundo obscurecido,
Com elle zombo lá dessas esferas,
Dos Ptolomeos dos Picos;

Com Phebo entro no seio doce, affavel
Da escondida, e sublime Natureza,
E sem turbar-me os tympanos me bate
A voz da sãa verdade.

Os Caos saõ longe, Lilia, a terra parto,
Vez aquelles medicos genios os pastos
Prazer physico, e dor. Basta que saibas
Saõ eixos do universo.

Ja partiria Aulira! e as verdes ondas
Afeitas aos maritimos tisnados
Da huma filha do flavo Deos entregues
Vaidozas s'embravassem?

Quantas vezes as avidas saudades
Colherão de seos olhos terno pranto
Quantas vezes aos mares sem acordo
Pedistes a doce amigo?

Ah Silena! que tristes me rodeaó
Dos nauticos as vozes clamorozas?
Aqui, 2a soa o golpe, q̃ vibraraó
Sobre a forçoza amarrá.

Quantas vezes choroza memorando
A patria voltara somnensa Auliza
Avista p.ª os Ceos! de novo aspecto
Que adornaó novos signos

Ali dira, as filhas de Pleune
Ornaó do Tauro as pontas luminozas
Scorpio morde o pé do amante Orion
Que as segue cobicoso

Se Prometheo ao Caucazo ligado

De loucos prezumpçoens sofre o castigo

Ao sabio Irmaõ dos orbes firma baze

O mal naõ comprehende

Jove as filhas escuta; la do olimpo

Olha piadozo a timida innocencia

A vingança do Ceo sofre o ingrato

Que as leis desacredita

Que ideas levantadas lhe consomem

Dentro d'alma as sementes da saudade

Se q.' a vista cansada outra vez fita

No brando gosto a Musa

Soltas lindas madeixas descahidas
Da cor d'o Evano sobre o branco peito
O rosto mal enxuto, a maõ incerta
Nas unisonas cordas

Auliza! torna a emti; ella lhe exclama
E os Hymnos com que Flaco honrou Vergilio
Em modulados sons compadecidos
De novo lhe repete.

Assim Silena diz, colhendo loiros
Enfeita o simulacro d'Amizade
E as primeiras emprezas amaldiçoa
Dos terrigenos filhos.

Mas Silena aonde vou! a dor ferina
Qual Elastico pomo em mim reflecte
A dor que despedaça dos amigos
Os coraçoens sensiveis

Volver a mente aflicta a novo objecto
He dificil no seio d'amargura
A austera razaõ concede ainda
Apos o froixo alivio

Tu guardas hum deposito que eu busco
Flores naõ saõ somente relva humilde
Colhida no escarpado, e bipartido
Santo monte dos vattes

Em quanto á laurea sombra o pranto solta,
Puro incenso do trono da virtude
Com Elvira amada sobre que eu alterna
Minhas pobres cantigas.

Vinguemos-nos hum dia, a Daphne varios
Com ferreo cadeado, esconda, aboto,
O Quintalla o tesoiro, em vaõ Pierio
A porta lhe frequente

Nas estridentes azas transportada
Dos ventos agitados subo ao Pindo
As despidas montanhas da Thesalia
Vago cantando alegre.

Encaro com as Muzas desgrenhadas
E das ramas dos pudicos loireiros
Hum frondante docel me cobre a testa
Onde as ideas pullaó.

Vejo a Apollo lavar as loiras tranças
No magestoso Xanto; vejo as Nymphas
Sopraram sobre as mantas dos Homeros
Illiadas pompozas.

Os escuros caballos descahidos
Na frente de Melpomene severa
Quanto mais lindos saó, que a enjuta pompa
Dos modernos toucados.

Pode a stupida moda, numa altiva
Impunhando a tezoira insturavel
Ser flagello das sedas dos volantes
Pedir-me sacrificios

Cubra estes verdes musgos, e rochedos
Comtigo Dafne arranco dos abysmos
A razaó vergonhoza, que recsia
Sempre os olhos do vulgo

Teus dictames nos ornaó alla do Elysio
Os manes de Corilla, e Telesilla
De Praxilla, e de Hypparchia se desprendam
E em torno de nos giraó

Mais candidas mysterios naõ romperaõ
Da bella Egeria os beiços sacrosantos
Quando ensinava a Numa a paz dos povos
As graças da virtude

Que invejamos! se livres os spiritos
Colhem os dons q' aos Socrates honravaõ
E pelas maos guiados das Camenas
Abraçamos Urania!

Naõ as fugazes oras carregadas
Da reflexoens d'estudo, e da innocencia
Reconduzir o dia memoravel
Que premeia as fadigas

Quando o sol pelo ceo arrastra o anno

Do caçador celeste ja despeda

Avistando da caza d'Amalthea

Obliquamente a terra.

Então Daphne, teos annos celebramos

Então logo que raia a manham bella

Ao pe de ti me infeito d'amizade

Da paz, e da ternura.

Quem me diria oh Silvia, que moravaõ
Contigo as bellas filhas do Parnasso
Quando nossas ideias trabalhavaõ
Em negabelhas, talvez seo grande praco

Terra ginosa a lyra descançavas
Sobre montes de livros moralistas
E as mimosas camenas affeitavas
Com textos quando as pessas da nos vistas

/

Tambem a fraca voz da frauta minha
Submissa a teo preceito ora sujeita
Com que passo saturno em fim caminha
Que terra amanta traz q'a necessita

Agora teos preceitos mais benignos
Naõ se vestem da mystica arrogancia
Com versos, que de Apollo foraõ dignos
Mandas q'eu cante, e atterras a ignorancia

Concedeime a cantar a natureza
Cantor de Triptolemo a arte divina
A iniciar a gente Portugueza
Nos mysterios supremos de Eleusina.

O velho Demogorgon revolvendo
Namuygos a caverna a crespa fronte
E com tochas vorazes accendendo
O Astro, que nos doira o prado, e monte.

No cavo sulco o fertil grão lançado
Pela destra Princeza da [illegible] Sicilia
Em pingue espiga, e pasto em fim tornado
G'assas alegra a pastoril Pallia.

Bordada a terra pelos dons da Flora
Pelo Amor animada, pouco importa
A esta gente de bronze, a quem namora
A avareza por quem os mares corta

Estaõ affeitos a bellica trombeta
Do vate que celebra o forte Gama
Zombaõ da frouxa voz de outro Poeta
Se contra as leis da força em verso clama

Escapaõ-lhe os prazeres delicados
Que enredaõ nossas almas brandamente
Dos orbes a harmonia os frescos prados
Naõ saõ objectos q'algum delles sente

Perde Laurencia os dons que tanto preza
Perde Vertumno a alegre variedade
Perde a voz a sublime natureza
Onde mora pacifica a verdade!

Em pouco tempo Silvia se lhes canto
Os preceitos de Phebo com voz rouca
Com a Lyra tho os astros não leva
Os incultos sonetos de Tarouca.

Se moralizo hum pouco, e se lhe ensino
Que de homogeneo tudo, a que não sofra
Contradicçoens na especie o author divino
Que estas leis devolveo da sacro cofra

Que se exalta da espuma o tenue vento
A grandeza fantasma delicada
Que ao Filosofo deixa so tormento
Como a nuvem de Ixion dissipada

Perguntão os prezados de mais siso
Alguem vio já mania desta casta?
E comentando os versos com hum sorriso
Diz o Albano = ha molhar; isto lhe basta

Da arrogante ignorancia revestidos
Quantos vi sobre o tripode sentados
Quantas vezes ferirão meos ouvidos
Blasfemias contra os vates mais sagrados

Tu formas contra a inveja debil queixa
[redacted] Silvia teme o monstro e que dizes
Pois se chagas abertas nos não deixei
Deixa amenas, eternas cicatrizes.

Entaõ da balda a magica harmonia
Innocentes objectos engrandece
O Tartaro por vapores offusca o dia
E Delis inutilmente resplandece

Inutilmente aperta os sons a lyra
Pinta-lhe os ais dos Pelasgios que assustado
Olha a rocha que serve a eternal ira
Por ter ao sacro Delfo injuriado

A argiva armada em peste, e fogo ardendo
De Marcias o despojo sanguinoso
Co' tempo vai se em sombras involvendo
Naõ matem medos ao vulgo duvidoso

Mas he porque as deidades já naõ curaõ
Dos vates, que as no antigo tempo ficaõ
Vesta, se Pan, e as Nymphas nos procuraõ.
Se o flavo mel nos beiços, e os nos fabricaõ

O povo de aparencias governado
Que, visoens, e prodigios só cobiça
Da creditos ao Oraculo sagrado
Porque espuma raivoza a Plutonissa.

Eu sempre cantarei mas taõ da mansa
Guam simples he o assumpto, q'a nunca
Tal murmura pacifico remansa
Sem que inveje o motim de hum vasto rio.

Dos sopros de Favonio conduzida
Ja Serena de rozas coroada
No campina esmaltada
Mostras a primavera doce vida
Ja seo gesto divino
Sorrindo brandamente
Esta convidando ao prado florecente
O tropel dos Amores infantino
A doce claridade, o terno pranto

1 Do que Cephalo chama com ternura
Accorda as aves o antigo canto
Convida os lavradores a cultura
Já vem o claro Delio rutilando
Entre nuvens purpureas aparecendo
As cores espalhando
Sobre o orbe que as sombras vai perdendo
Da luz ferida a noite desmaiada
Foge ao centro dos vales e rochedos
Cavernoza morada
Entre os negros segredos
Das volumozas penhas
Busca em quanto o sol doira altos mo
O inverno pavorozo
Envolto em nuvens densas lá s'esconde

Em quanto nas cavernas, só responde
A forcoza alegria Eco saudozo ....
Ja se não piza a relva congelada ....
Molle relva de orvalho burrifada
Presta doce repouzo aos lavradores
Os ternos amadores
Bem dizendo a estação contentes vem.
Cantando ora o seu ora o seo bem
Tudo annuncios do bem tudo respira.
Abranda cornemuza a frauta a lyra
No canto pastoril bem madulados
Vaõ insinando os cantos
Os brandos sentimentos
Ora ternos ora suaves magoados
Na torrente de prata

A ligeira alegria se retrata
Nos perfumados ares,
Se extinguem co'esses suspiros, os pezares

No peito sem socego
Palpita o coração alvoroçado
Porque hum doce cuidado

Me transporta as ribeiras do Mondego
Do frio centro as Nymphas mais formozas
No azulado pego a frente alcando

A Deos Pierio meo lhe vem cantando
Do seu caro Pierio saudozas
Chamado de hum dezejo

Ja te avisto Pastor, q'os passos guias
As praias spaçozas onde o Tejo
Chamado-te Pierio passa os dias

Qual bem naõ provara quem taponderara
Adormenta os mais competidores
As alvas maõs da paloma afronta d'ora.

Lá ficaõ os pastores
Junto a fonte, cuja agoa he doce pranto
Recordando teo conto:

Qual se lembra do gesto da figura
Qual te corteja a suavissima candura
Emquanto entornecido

Instado das saudades, que assuppostas
As frias ondas cortas
O velho encanecido.

Os distantes pinturas
Do nublado futuro divisando
Te envia doces bençaõs agoirando

De taes, doces alegres mil venturas
Com que amoroza, e terna impaciencia
De doces esperanças persuadidas.

As que assas tem chorado a tua auzencia
Ja esperaõ pelas praias entertidas
Qual ve nos verdes mares a empolada

A onda em que de longe te figura
Qual danja a espessoura
Em qualquer rudo tronco pressentindo

Favonio que nunca a espessavam
Cuidando q'á varada a vem subindo
Pisrio alvoroçada alegre chama

Quanto o fado retarda huma alegria
Hum dia apos hum dia
Hum istante seguido de outro instante

Nos vai pondo o prazer sempre distante.

Estas cantigas ternas modulando

Laura estava a saudades entertendo.

A manham foi correndo..

Enquanto a ja ouvia a tarde foi chegando

Ja descião monte denegridas

As sombras sobre o valle donde estava

A saudosa pastora; q̃ esperava

Depois da m.tas oras consumidas

Fierio que não vinha;.... o vento irado

As flores abatia sobre o prado;

Por ver distante o dia

O mocho malancolico gemia

As aves recolhidas

Apenas percebidas

Podiaõ ser nos bem tecidos ninhos
Pelos ermos caminhos
Nem sereno, nem gado já se via
E tudo em volto em silencio adormecia
Entaõ do q' esperava dissuadida
Laura aflita... saudoza... enternecida
Sem queixar-se do mal q' amargava
Para a triste cabana se voltava....

Loiro Delio! esta lyra, q.me desta
Beijando-a com respeito, hoje te entrego.
Naõ podem ja teos raios luminozos
Inflamar o meu peito.

Se pelas alvas maõs das sabias muzas
De fresco loiro a frente me adornastes,
Naõ torna a despojar-se o tronco altivo
Que a bella Daphne encerra

Desce o Numen propicio! linda Venus

(O gesto encantador serena os ares)

No carro voloptuoso recostada

Brincando co os Amores

As leves beatilhas naó escondaó

Das cyprindas gentis as lindas formas

A travessa Eufrosina, solta os risos

Que entorno alegres giram.

Teu Semicapro Deos! de traz dos troncos

Co o sequito caprino apenas sente

Os cheiros q' esparzindo vem amores

Palpitas namorado

Faça invejar, aos Numes ma sorte

Vem Cyprina! descança nestas flores

Que burrifa da fonte a clara vea

Deixa os braços da Italia.

Se em premio de maoraes votos a Amor

Com myrtos enredarae as tranças posso

E o Leo seio ornar de floras, que inda guardaõ

Hoje o sangue de Adonis.

Deixa Deoza que Lilia no teo peito

Brandamente encostada de Amor canta

Tao filhos me sustente a doce frauta

As graças me respondaõ.

O Silêno .. do meo bem o doce nome

Faça calar no valle as aves tristes

E emquanto vai batendo os leves ares

Creyca a nova harmonia.

Se carrancuda a negra tempestade

De Noto furiozo o som comanda

Não parecaõ as plantas que escutaraõ

Os meos ternos amores.

Se Jove com a maõ avermelhada

Do reflexo do rico assusta a terra

O nome do meo bem, e os teos sorrizos

As iras lhe suspendaõ.

Assim sempre em Amath em Eryx, Pafos
As offrendas adornam teus altares
Assim voem suspiros inflamados
Do contentes amantes

Assim sempre mais bella te retrates
Novos Apelles nessa doce instante
Que das ondas surgiste, e a branca espuma
Te inundava o cabello.

Tu que branda repouzas no meo peito
Amavel innocencia
Tu destingue meo canto, elle separando
Os vulgares cantores
Onde a paz solitaria se retira
D'Almena soa o nome
E sorrindo-se a candida amizade
No seo templo a escreva
Quando a nuvem espantoza aos olhos mostra
As obras de Vulcano.

Que vacilla assustado o pavimento
Atroados os ares
Co a fervida materia que rebenta
Não me perturba Almena,
O peito, onde o destino quebra os tiros
Se receia o delicto.
Pobre cabana presta doce abrigo
Aos fatigados membros
Pela batalha tacita do tempo
Mas debaixo dos troncos
De hum ja velho carvalho a sombra parda
Contente as manhaãs vejo.
Vejo sorrir-se a fresca Primavera
Cuja fronte serena

Inclinando a florida pompa offrece
Ao inflamado Estio
Abre o prodigo raio a terra fertil
O Deos Pay d'Harmonia
Tambem dos raios seos serve Pomona
Sobre os maduros fructos.
Ja de Baco os sequazes se alvoroção
E das curvadas vinhas
Em suave licor trocão o pezo
Para os copos doirados
E Amor resguarda com as proprias azas
Bebem ligeiros sonhos
Quando volta a estação em que os mancebos
Principio conhecerão,

Orion piza do Escorpio a carrancuda
E Jupiter chuvozo
Abre o seio das nuvens, rega a terra
Co as prateadas gotas
Carancudo tarrita o escuro inverno
Desspoja a naturesa
So debaixo das penhas tas comigo
Por pasto saborozo
Vai colher com trabalho o gado parco
Deixa voar os dias.
Estas leis immutaveis contemplando
Das vagas esperanças
Naõ sofro, que meo peito se receie
Almarana os teos armos

Se consentem lograr tão doce estado
Entre as brandas memorias
Que nutre a solidão, lugar ameno
A lembrança de Lize...
De Lize solitaria, que só [illegible] apreza
No centro d'esse valle
A fortuna a riqueza a pompa o mundo
E se entre os cordeiros
Contente com as delicias d'amizade
Não quer outros prazeres

N. 8.

Voleja ardendo em ira
O rapaz que sem vista, a todos cega
Só vingança respira
Desgranhado o cabello, aflito arrante
O gesto scintilante
A vista abranda, e o riso a todos naga.

Aos cumes dos oiteiros

Qual setta que do arco disparada
Para os alvos primeiros
Tal impaciente o tenro Deos sobia
E no arco que trazia
Fitava com fierora vista inda

Délia pensativo

Volvia as lindas azas descahidas
E quazi somevivo
Com as plumas tocava a terra fria
Ou nascem da repente, ou murchaõ logo
As plantas com seo fogo
E o chaõ' de quando em quando as tremoxia

Em ti soltava o choro

Laura, Laura cruel! Amor brada

Em vaõ fado te imploro

Contra hum peito de bronze! A nimpha crua

Naõ venço a força tua

Se naõ pode vencella a minha aljava

Sim pelo Stix eu juro

Ou fazer que de Amor as leis adore

Ou n'algum tronco duro

N'huma rocha musgosa convertida

Solta a ligeira vida

E a sorte de Anaxarte, ou Daphne chore.

Belezas subjugadas

Vingai o vosso insulto Amor vingando

As plumas prateadas

De hum alvo cisne a ledo não vencerão

Amores naõ fizeraõ

De Nymphas mil hum gracioso bando

Denovo em fogo ardendo

Inflamaõ-se as feicoens, olhos traidores

Quanto estais promettendo!

Ah! de ti Laura, pois para teu damno

A forja de Vulcano

Grilhoens trabalha ferros passadores.

Mil Amores armados

O retiro da Laura senhorearaõ
Qual faz dos consagrados
Qual venenozas flores torno offrece
Mas Laura bem conhece
As falsas illuzoens, com que a recreaõ

Armas armas! acclama

O Deos, que ja no carro as Pombas tiraõ
~~[illegible]~~ Scintilla voras chama
Dos tiros contra Laura disparados
E os genios fatigados
Intorno a Laura inultimente giraõ.

Egida poderosa

Dua a benigna razaó embraços hum dia
A turba numerosa
Faz dezertar dos Genios assustados
E Laura sem cuidados
Nos braços da razaó de Amor seria.

D. 3. 54.

Poezias

Da Ex.ma Senhôra

Condessa de Vimieiro.

Mandadas Copiar

Pelo D.or Antonio Ribeiro

Idilio.

Feliz mil, e mil vezes
Guardadôr venturózo, que assim passas
A vida socegado! nem as fezes
Esgotas da ventura, nem descansas
Rizonhas horas nunca te lamentas.
O gado que apascentas
Alegre pelo monte está roendo,
E ora os troncos subindo, ora descendo,
De escarpados rochêdos se pendura,
E o sustento, no leite te assegura.
Teu canto dezafia
A fresca viração, que d'essa umbria
Sobre o cortado valle vem cahindo;
E o som que os leves ares vem ferindo
Me penetra com grato brando effeito
Qual filtro o triste peito.
Entre as selvas sómente,
Precioza innocencia, ah! porque habitas?
Porque á rustica gente
Com quieto prazer só felecitas,
Quando a Turba nas Cortes engolfada
Sem longe de ti vejo afastada?

Dalizo, que na Corte mal sedera,
Hum dia assim dizia, por hum valle
Os já quebrados olhos estendendo.
O sitio era aprazivel, rodeado
De bem vestidos cerros: todo o campo
Por diversa cultura matizado
Parece, que aos prazeres estendêra
A mais bella alcatifa. O Sol doirada
Do Sagro Monte a pedregoza altura,
E nas alvas parêdes de Sagarro,
Seus raios reflectindo, ora tocavaõ
O subido pinheiro, ora as rasteiras
Já desmaiadas vinhas relambiaõ.
A frondoza Alcoentre ao longe mostra
Com modesta jactancia inda os vestigios
D'essa gloria ganhada em novos mundos,
E cortada alem da Trapobana.
As nuvens no Horizonte se fendiaõ
Pornaõ roubar ao quadro Torre bella;
Pelo vasto cordaõ, que em torno a cinge,
Vay a vista ancioza escorregando;
Até que em fim se perde, e vem d'hum golpe
Cubicoza estender-se por hum cerro
De bem manchadas Cabras dominado:
O guardador alegre, que as defende,
Huma afinada flauta vai tangendo:

Parece, que d'Amôr lhe vem o sôpro
(Taõ doce o som no campo se derramava!)
Naõ seria talvêz, naõ mais suave
O d'esse semideus, que seus suspiros
Pelas amadas Canas enfiava.
Dalizo, que em ouvi-lo se detinha,
E de tempos, em tempos, suspirava
Feliz! feliz! (mil vezes repetia)
O que a vida no campo alegre passa
No seio da virtude!.... Nisto hum braço
Sente, que outrem lhe prende; quer soltar-se,
E Silvano conhece, que o saúda
Com seu grosseiro modo; mas rizonho.
Dalizo cortezmente corresponde;
E Silvano mordaz, sem mais espera
Lhe diz meneando o corpo inda apoiado
No braço do Pastôr com solto rizo.
Inda naõ te deichou essa mania
D'invejar os prazeres cá da Serra?
Mania chamas tu, torna Dalizo,
A respeitar a candida innocencia,
Que entre vóz só parece ter morada?
Innocencia entre nóz! (lhe diz Silvano)
Pobre, s'isso imaginas! que logrado
Serás huma, e mil vezes cada dia.
Inda acreditas hoje dos antigos
As patranhas, e embustes, que sentados

Sobre os tanhos ao lar nos embutiaó
Por modo de cartilha? quantas vezes
Me disse minha Avó (e lho dissera
Outro bisavô seu) que n'outros tempos
Naó achando a virtude nas cidades,
Lugar, onde morasse, se acolhêra
Ás cabanas dos pobres Camponezes:
Mas outro velharrão, bem mais sabido
Me disse a mim tambem; Naó creias nisso,
Se poz os pez aqui, já cá naó mora:
Nem podia morar, onde a milhares
Os vicios em caterva ás soltas andaó.
Ella só s'aprezenta, e lhe faz rosto;
Mas os homens naó gostaó de espantallos
E vaó-se atraz dos vicios, que nos beiços
O mel lhes tem já posto. Crê, Dalizo,
Que o mundo hé todo o mesmo; na cidade
Há máos, há máos no campo: em toda a parte
Alguns bons há tambem. Vi mundo eu mesmo:
Tu sabes, que pastôr por nascimento
Naó fui, bem que hoje o seja por disgraça
A Scena hé variada; mas, Dalizo,
He a mesma a Comedia em toda a parte.
As invejas, os roubos, as vinganças,
Aleives vergonhózos, e mais couzas,
Que te callo, e tu sabes, saó os crimes,
Que abrolhaó cá no campo. Aleivozias

Soberbas, ambiçoens, inimizades,
Que o golpe sempre daõ com ferreo zelo,
Saõ vicios lá da corte. Foge delles;
Porem della naõ fujas, que vinganças,
Se no campo os prazeres subministra
Desprezados ~~[illegible]~~, disgostos achar tentas.
Esse mesmo Cabreiro, que contente
Te pareceu, Dalizo, arde inda agora
Em ciumes d'Olaya: elle percebe,
Que Olaya me quer bem, bem que eu naõ saiba
Tanger como elle a flauta. Delá vio-nos
Estar passando á sésta ambos contentes
Debaixo d'hum ulmeiro, e só com raiva
He' que a tocar se pôz, como em desprezo,
Ou talvêz p.a vêr, sinda assim póde
Roubarme a linda Olaya; porem ella
Esta crôa tecendo, sobre as frontes
Vergonhoza, e rizonha ao mesmo tempo
A colloca, e me diz; Vai, meu Silvano,
Dar volta aos meus bezerros; Eu soberbo
Para o valle desci escarnecendo
Do Canto, e do Cabreiro desprezado.
Volta; pois para a Villa, que algum dia
Em prezença d'Olaya inda hasde ouvirme
Desta vida Campestre, os bens quaes sejaõ.

Assim disse Silvano, e o bom Dalizo

O Segue sem resposta, meditando
Nas verdades, que acaba de escutar-lhe.

A' Trevoáda.

Idilio.

Socegate Clorinda, naõ recêes,
Neste bosque o furôr da tempestade;
Depois, que a Jove o tenho consagrado,
Nunca se vio de rayo accometido.
Bem podes socegar, que naõ te engano;
E aqui no roto seyo desta gruta,
Em quanto a chuva passa, retiradas,
Seguras estaremos observando,
A fulminante guerra, com que os ares,
Combatem entre sy enfurecidos.

Olha como se vaõ amontoando
Aquellas brancas nuvens delicadas,
Que lá se vêm ao longe! Há pouco tempo
Bordadura faziaõ no Orizonte,
Como se de proposito dispostas
Fossem por destra maõ: já se confundem;
Já parecem castellos, já montanhas
Já d'aspecto medonho se revestem;
Já vomitaõ torrentes encendidas;
Já por incerto vento arremeçadas,
Ora se abatem, ora se levantaõ,
Já correm furiozas, já recuaõ,

Já tornaõ a choccar impetuozas,
Com som medonho, os ares atroando.
Delá quando os relampagos fuzilaõ,
Que espantózos segredos nos descobrem!
Parece que se rasga a denegrida
Medonha cobertura, e pela fenda,
Que d'acceso amarelo, e pardo escuro
Despenhado a pedaços espantózas
Sobre nós quer fundir-se o emisferio.
O vento em remoinhos s'enfurece,
Contra aquelle Carvalho corpulento,
Que lá naquelle cerro se descobre;
Mas de balde se esforsa; em vaõ o cerca;
Em vaõ faz nelle preza, que as robustas
Raizes tem o tempo aprofundado,
Na terra, que benigna as fortifica.
Mas... oh Ceos! que orrisono estampido!
Pareceme, que a terra estremeceo?
As cavernas vaõ todas retumbando;
Vay crescendo o clamôr da gente afflicta.
Clorinda, tu desmaias? naõ te assustes:
Descança em minha fé, que há muito tempo
Seguro vivo aqui de taes insultos.
Hum cordeiro cada anno em sacrificio
Offreço ao Deos potente, porque livre
O bosque que lhe tenho consagrado.
Já mais o tenho feito, sem que alcance

D'agradaveis auspicios a certeza
De naõ ser regeitado. Em dois coros,
As Driades se escutaõ nesse tempo;
E a victima observando o sacerdote,
Com seguro semblante me despede.
Mas oh! que he' do Carvalho, q. do vento
A' furia tanto tempo rezistio?
Ah! la' vejo no sitio fumegar:
Sem duvida algum raio aquella nuvem
De passagem lançou, que o consumio.
Mas a chuva, Clorinda, está fazendo
Hum formozo espetaculo: naõ temas:
Observa, que vistoza Catadupa
Por aquelles rochedos se despenha.
As nuvens pouco, a pouco se desfazem,
Em torrentes, repondo copiózas,
O vapôr, que as havia entumecido.
Porem tu inda tremula duvidas
Da tua segurança! a maõ me estende:
Oh Deos! Livida, incerta, e palpitante
A nada te rezolves! Ja' passou
A medrosa tormenta; e que naõ passe.
Que tem que recear, quem naõ tem culpa?
Os Deozes da Innocencia se namoraõ;
E em seu dano ja' mais irados vibraõ,
Affulminantes armas vingadoras

Da soberba malicia. Se ostentar
Quer Jove o seu poder, nós reverentes
Devêmos adorar-lhe a Magestade;
E confiar umildes na clemencia
De quem prezerva o justo, na mizeria,
E confunde o perverso na abundancia.

Testemunho de gratidaõ
Idilio
a
Lilia.

Eu já vi na vindima as ebrias festas
De Bassarêo em honrar consagradas.
Sobre os untados odres aventados,
Bem vi saltar alegres dançadores;
E com frequentes quedas, ás Bachantes,
As serranas fazer soltar rizadas,
Que as florestas vizinhas atroavaõ.
    Nos altares de Ceres immolar
As trez victimas vi, com que termina
A solemne Ambarval: ouvy os hymnos
Dos pobres lavradores coroados
Da rama do Carvalho, cujos ecos
Tristemente correndo pelos valles
Soavaõ, na montanha enternecidos.
    Bem vi já na viçoza Primavera,
Ao tosco Deos d'Arcadia erguer altares:
E a cornigera fronte guarnecer-lhe
De rozas, e boninas misturadas,
Com murta, e madre silva. Em torno delles
Vi dançar as Pastoras, e invejózas
As Ninfas vir correndo á competencia,
Nunca vistas choreas inventando.

Cantavaõ-lhe os Pastores docemente
Em terno dezafio huns seus amores,
Outros os de Vertumno; outros de Flora,
As bellas maravilhas. Qual da Luta,
Por preço huma novilha assignalava;
Qual intonça manchada Cordeirinha,
De festoens de boninas matizada,
Ao Deos offrecia, e das disputas
Por Juiza elegia a sua Pastora
Ao Vencedôr em premio destinava
Hum Cajado de Zimbro retorcido
Em vergonteas subtiz todo enleiado.
Entre as frondozas arvores occultos
Os ninhos tinhaõ já entretecidos
As aves deligentes, e os consortes,
Emquanto as Mays os ninhos incubavaõ,
De ramo, em ramo allegres lhes faziaõ
O trabalho suave cô as cantigas,
Qui lhes inspira a destra Natureza;
A fonte, o prado, o rio, o brando vento,
O mesmo ballar do gado repetido,
No peito m'infundia taõ suave
Taõ serena alegria, qual na Corte
Nunca pude provar, por mais que fosse
Astuta em fabricar novos prazeres.
Essa arte que de fausto s'alimenta,
Quando as Heroicas Scenas reprezenta.
Eu julgava, que o campo me daria,
Se terno, devoto alegre o procurasse,

Tudo quanto pudesse contentar-me.
Mas ah! querida Lilia, eu ignorava.
Que em teus versos havia hum novo encanto,
Que a tudo superasse. Quando a Lyra
Amor te temperava, eu cá sentia
Naõ sei que brando som, que dissonante,
Qualquer outra armonia me ficava;
E esse mesmo fastio, que da Corte
Os Silvestres prazeres innocentes
Me tinhaõ inspirado, esse provava
A seu respeito, quando armonizavas,
Honradoras Cançoens lá m'entoavas.
Mas oh quantos mais doces movimentos
Me fez provar o canto delicado,
Que em honra da amizade compozeste!
O zefiro fiel, que convidaste,
Soprando brandamente o repetia,
E aos ouvidos, velóz, quando chegava,
Cantar-mo pertendia. Ao brando filtro
Dos Saudozos eccos, no meu peito
S'excitava a ternura pertendendo
Em vozes explicar-se; mas debalde
Esforsar-se tentou; mudos suspiros
Arrojavaõ sómente, que naõ podem
Em reguladas vozes exprimir-se
Movimento d'impulso enternecido.
Entaõ vindo-me á mente a suavidade
Do melifluo succo, que as abelhas
Nos favos depozitaõ; a doçura
Do nectar deleitozo, tudo pouco,

A comparar a doce melodia
De teu canto suave reputava.
Em teu louvor não posso, Lilia amada,
(Por mais, que a vóz levante, o peito esforce)
Dizer coiza, que justa corresponda
A teu genio sublime, e delicado.
Mas póde a gratidão d'alma sincera
Seus votos repetir aos Ceo clamando
Que em ti derrame os dons, que rezervados
Em seus tezoiros tem para a virtude.
Elle faça que sempre os teus Cordeiros
De brancos finos vellos se revistão,
Sem que Lobo voaz, fome, ou morrinha
Attaquem teus rebanhos! Elle queira,
Que o fecundo armentio, já mais falte
Em produzir os filhos, dar o leite,
Em abundancia tal, que ao passageiro
Nunca se negue o tarro tresbordando!
Elle faça, que as vinhas te produzão,
Vermelhos, grossos cachos, bem maduros
Sem que seja preciso na cultura,
Empregar o suór de rudes braços.
Elle faça crescer em teus Celleiros,
As doiradas sementes, sem que seja
Preciso, ao semea-las verter sangue
De Toiro embravecido, mança ovelha
Ou grunhidora rêz a fim, que tenhas
Bem fundada a esperança da colheita.

Elle a paz te introduza na Cabana,
E com frutos d'amôr constante, e puro
As ternuras te pague d'amizade,
Que Tirse, a fiel Tirse te merece.

Epistola.

Ao Padre Joze d'Azevedo da Congreg.am do Oratorio.

Se esta Campestre nossa morradia,
De Serenos prazeres habitada,
Teu delicado genio dezafia.

Se essa vida da Côrte taõ cansada,
Taõ cortada d'amargos dissabôres,
Se te faz, Azevêdo, já pezada.

Naõ tardes em buscar sitios melhores,
Vem gozar as delicias d'amizade,
Vem disfructar da paz brandos favôres.

Aqui anda a razaõ em liberdade
Tais quaes saõ annuncia-ó-se as idêas,
Sem disfarse aprezenta-se a verdade.

Naõ sey, quaes saõ os riscos, que recêias
Em virmos encontrar. Olha, naõ correm
Só do q.e Monte de Cintia puras vêas.

Tambem os nossos Prados cá discorrem
Quaes lucidas Serpentes tortuózas,
Frias agoas, que em xarcos nunca morrem.

Temos bellas campinas espaçózas,
Onde, sem termo a vista se derrama,
Temos Selvas proficuas, e frondózas.

Se no Tejo saltar prateada escama
Vês da branca Sardinha, que na rêde
Arrastrão os Maneeis da suya Alfama.

Cá verias os raios, que despede
Espumóza torrente despenhada,
Por altura, que a vista apenas mede. ( )

Verias por mil modos retratada,
Já na pesca, na caça, ou no passeyo,
A bella idade d'oiro tão louvada.

Verias.... mas em vão procuro meyo
D'atrahir-te Azevêdo, se imaginas,
Que quanto digo aqui, hé puro enleyo.

( )

Talvês cuidas, que brotão cá malinas,
Cominho, e C.o o senteio de mistura.
Se o não crês, para crêlo bem te inclinas.

Vem de Setemputrião fria secura
Com furor sacudida, e quando chega,
A saude vital nos assegura.

Hé tanto assim, q. a calma já se nêga
A fazernos suár; mas quanto digo
Da dourada Galé te não despega.

E pois vejo, que nada val comtigo,
Rôgo, persuação, conveniencia,
D'importuna fugir quero ao perigo.

Do primeiro projecto dezistencia
Fazendo, passo agora a agradecerte,
A tua officioza deligencia.

Aquella deligencia, que converte
Quaze em Parnazo o monte Serpentino,
Onde não posso já esperar verte.

Tens-nos cauzado hum gosto peregrino,
Com mandar-nos os versos delicados
Do pequeno Garção. Se teu ensino

Sincero elle te implora, e simulados,
Os seus votos não são, quando pertende
Por destra mão seus versos vêr limados,

Não te negues à tanto, e nisso attende
Ao Sabio Corydon, que das estrellas
Inda seu lume no sobrinho accende.

Meu voto não tem pezo: as Muzas bellas
Não me ducárão, não, como elle finge,
Nem eu mimóza sou d'alguma dellas.

Se de lozas, e murta Erato cinge
A minha rude fronte, da ignorancia
A torpe mão as côres lhes destinge.

Se de sabia não tenho a vãa jactancia,
Se e Natura sem Arte não val nada,
Devo tomar da critica a arrogancia?

Não, não, não pode sêr. Anticipada
Vejo neste Mancêbo aquella gloria,
Que hé hoje por tão poucos procurada.

A dicção Portugueza, a Luza Historia
Cortato não despreza, nem carrega
D'inutil instrucção a sua memoria

Em huma, e outra couza lhe encarrega,
Que procure apurar-se; pois bem sabe,
Que sem ambas à Meta se não chega.

Lizonja nos meus versos já mais cabe,
Nos seus não vejo pouca a meu respeito,
E por isso talvez menos os gabe.

Vejo porém, que ferve no seu peito,
Hum estro scintillante, evaporando,
Qual perfume subtil, grato conceito.

Vejo que a soltos vôos adiantando,
Vay Canto as ternas azas, e se eu posso,
Hir já, pelo futuro, vâ-guiando.

Imagino, que vejo o destro Moço,
Qual Aguia remontada soltar vózes,
Que cauzárão nos Cysnes alvoroço.

Ouço taõbem urrar monstros atrózes,
E invejózos do rapido progresso,
Contra o Moço enviarem-se ferozes.

Que pouco, ou nada importa hũ tal excesso,
Se pelo bramir da sanhuda inveja,
O merito envejado hé que entaõ méso.

Mas para que frustado se naõ veja,
O vaticinio meu faze, que objecto
De seus metricos rasgos nunca eu seja.

Os Heróes, a virtude, o Patrio affecto,
A guerra, a agricultura, a naturêza,
Famoza até no mais pequeno insecto,

Isso cante: e se basta a tanta empreza,
Cante de ti, de teus Amigos cante,
Honre de taes talentos a grandêza.

Mas Alvares naõ quer q. eu passe avante,
Talvêz teme, que o espirito examinando
As Azas de hum mosquito sussurrante:

Ou dos fragôzos montes arrancando
Os quietos calhãos; ou finalmente
Largas horas c'o Serra disputando,

Sobre ser, ou naõ o tempo competente
De transformarse hum pobre gafanhôto,
E restaurar a sórte de vivente.

Mas como o espirito meu naõ he devôto
De entrar nesta bichoza Confraria,
Para outro muro a minha péla bôto.

Longa materia agora se offrecia
À nova discussaõ; mas he preciso
Ter com teu sofrimento cortezia.

Os Sonetos, que pedes de improviso
A pena os escreveu, tem mil deffeitos
Que o bom Joyos, talvêz notaõ a rizo,

Mas como dizes, que te saõ aceitos,
E conserva-los queres, lá t'os mandi,
Para guarda-los em grilhoens estreitos.

O que hé mau naõ se deve andar mostrando
Nem eu tenho constancia, que supporte
Vêr Lisboa de mim andar zombando.

E pois julgo te sirvo desta sorte,
Só me resta augurar-te longa vida,
Fortunas, e saude até á morte.

A Garçaõ mostrar-me-has agradecida;
E se licito for, pertender tanto,
Repete-lhe depois de corregida

Esta sequencia do meu baixo canto.

Sonêto.

Vai Mancêbo, onde as Muzas desgrenhadas,
Com saudôzo pranto ind'hoje banhaõ,
A Urna, em que de Corydon s'entranhaõ,
As cinzas pela Patria respeitadas.

Vai, beija aquellas campas, que selladas
Estaõ pelo bom gosto; onde se apanhaõ
(Quaze mimos do Ceo) graças, que assanhaõ
As turbas pela inveja dominadas.

Colloca aly teu estro. Reverente
Incensa o marmore, e cançaõ entôa
Que aos suspirados Manes seja aceita.

Depois escuta attento, e deligente,
Se algum sussurro d'entre as cinzas sôa;
Esse recolhe, e d'esse te aproveita.

Ao amanhecêr.

Sonêto.

Vem abella manhãa, May d'alegria
Já sobindo de traz desses Oiteiros;
A linda mensageira, que os primeiros
Rayos vem derramar do claro dia.

Já pelas rôcas frautas assobia
Turba agreste de Satyros ligeiros;
As Nimfas nadaõ já pellos Ribeiros,
Já de todos fugio a noite fria.

Favonia, brandamente meneando
O junquilho, a assucena, a fresca roza,
Lhes vai_travesso_os cheiros derramando.

A primeira manhãa (manhaã ditóza!)
Que a innocencia alcançou, me está lembrando,
Quaõ mais bella viria, mais formoza.

Ao meio dia
Sonêto.

D'Oriente, à Poente, bem no meio
Da lucida carreira, o sol tocando,
Por instantes está raios vibrando
Rectos, com que da terra fere o seio.

O pobre, que o paõ come de seu teio,
O sobrio, que na meza está gostando,
Innocente manjar estaõ louvando,
Esse Deus de quem tudo lhes provêio.

Mas o rico, que em taças d'ouro, e prata,
Os licôres esgota, e que a abundancia,
Sobre esplendida meza assim retrata.

Abuza da Divina Tolerancia,
Seo ventre, como Deos sómente trata,
E soberbo faz disto alta jactancia.

Ào anoutecêr
Sonêto.

Já se vem pouco, a pouco desfranzindo
O pavilhaõ da noute, que enrolado
Pelos raios do Sol havia estado,
Livre campo aos bons feitos, permitindo.

Os robos, as traiçoens, lá vem sahindo
Das entranhas, que os tem reconcetrado,
E os furtivos amores sem cuidado,
Do nocturno regaço vem cahindo.

Huns a outros, nas sombras s'atropelaõ,
Os crimes revoltózos, que semêaõ,
Mortes, iras, terrôr, odios, sospeitas.

Vem oh! dia naõ tardes, que te anhelaõ,
As almas, que no bem só se recrêaõ,
Que as paixoens á razaõ trazem sogeitas.

Á meia noute
Sonêto.

Grande parte da noite hé já passada,
Nem hum leve rumôr se escuta, ou sente,
Novas forsas restaura a laça gente,
No ceio do descanço reclinada:

Lá deu a duodécima pancada,
Esse fiel do tempo deligente,
Que as horas bate, e mostra juntamente,
Que a morte ganhou mais huma passada.

O tempo atraz nas azas escondida,
Elle mesmo lhe afia a foice dura,
Nunca em vaó contra os homẽs sacudida.

Oh! com d'alta noute a sombra escura,
Me está reprezentando o fim da vida,
Envolto já no horror da sepultura!

A Joanna Izabel.

Sonêto.

Sobre ti, bella Annia, a cada instante
Chovem as graças, descem os sorrizos,
Fazendo que mil vezes indecizos
De Cupidos te cerque hum bando errante;

Vem girar em teu placido semblante
Os prazeres picantes, brandos rizos,
Que a ternura adoptou, como precizos
Para d'almas fazer-te triumfante

Duvidaõ, s'uma nova Divindade
Fez Tonante brotar do ár ligeiro,
Qual das ondas brotara Cythérea.

Nova Deoza naõ hé, clama a verdade
Atronindo a vóz o bando Archeiro,
Hé mulher que retrata a Bella Astrea.

A Joanna Izabel, a Constança de Lencastre, partindo eu de Villa Viçoza, com huma grande tormenta.

Sonêto.

Parto, Aonia gentil, Clotilde bella,
Comigo vaõ as furias, os disgostos:
Vejo os ares turbados, e dispostos,
A vomitar orrisona procella.

Qual o pezado Noto sobre a vella
Cahindo de repente descompostos
Deixa mastros, entenas, leme, e expostos
Ao Capricho cruel de infausta estrella.

Assim eu incumbindo à saudade;
Que vejo acometerme repentina,
D'amarguras naufrago em tempestade.

Que se em Harpezia rocha s'arruina
Forte Lenho, naufraga huma amizade
D'Uma auzencia na fauce viperina.

A Condeça d'Atalaia; que me gabou a linda vivenda do Vimir.º

Soneto.

Agradavel Condeça, o Vimieiro
Nem sempre taõ rizonho s'aprezenta;
Menos o Sol no Inverno nos aquenta,
Nem sempre o Tejo hé manso, e lizongeiro.

Nesse Tegurio novo, inda grosseiro,
Quando a tua belleza s'aposenta,
Delle os agrestes ares afugenta,
Que rustico o faziaõ de primeiro.

As graças vaõ comtigo a toda à parte;
As virtudes, a paz, que te acompanha,
Tem de enobrecer tudo a facil arte.

Se queres, que presista honra tamanha,
Torna, bella condeça, a apozentar-te,
Nesta nossa rudissima Campanha.

No dia da neve.

Sonêto.

Vejo em Cardume o bando dos Amores,
Sobre a calcada neve andar brincando:
Parecem cordeirinhos retouçando
Sobre hum prado coberto de mil flores.

Com as mãos, que accenderão mil ardôres,
Gregas Pyras do gelo estão formando;
Niveos cornçoens sobre ellas empilhando,
Onde provão os plumbeos passadores.

Vem de Marte os Sequâzes* arrogantes
O brinco estranho, ezorrebão dos frecheiros,
Apupadas soltando altisonantes.

Cos cornçoens de neve, então ligeiros
O bando lhes atira, e petulantes
Zombai (gritão) de nós pobres guerreiros.

* Allude ao Regimento de Moura.

Vizaõ Poetica.

No dia dos annos d'Alfrido Ex.mo

Sonêto.

Oh! que dourado fio hoje enrolava
No ferrugento fuzo a Parca astuta!
Eu vi-o, e taõbem vi, que resoluta
Atropos a cortalo s'ensaiava.

À massaroca pouco inda avultava,
E bem que escura fosse a fatal gruta,
Onde a vida dos homens se disputa,
Eu mil prodigios nella devizava.

Cada fio a virtude destinguia,
Por huma nova graça pertendendo,
Talvêz frustar o golpe preparado.

Amôr isso por mim lhe requeria.
Ella responde: há muito que pertendo
Fazer que viva Alfido eternizado.

Madrigal.

Isto vi, Caro Alfido, meditando
De teus dias na serie virtuoza,
Se ardente fantazia,
A Scena deleitoza,
Aos olhos me fingia,
O clamôr da razaõ com vóz sonora,
M'estava cá no peito retumbando.
Em fraze encantadora
Mil vezes repetia:
Alfido de virtudes adornado,
Hé digno de vivêr eternizado.

Ao mesmo assumpto.

Sonêto

As leves azas d'oiro sacodindo,
Desprega, ó Muza, vôo acelerado
Vem a mente inflamar-me, em delicado,
Estro novo, que inveja faça ao Pindo.

Não pertendo, que as cordas comprimindo
Da Lira tires metro variado,
Com que a amôr lizongees: mais sagrado
Mais nobre assumpto está-me compelindo.

D'Alfido cantar quero; o Nascimento....
Os talentos.... as graças.... a grandeza....
As virtudes.... turbou-se o pensamento.

Ah! Muza, dize tu, que a Natureza
Em Alfido ao nascêr, hum monumento
Preparou á virtude com destreza.

BIBLIOTHECA NACIONAL DE LISBOA